

## A NOVA ECONOMIA MUNDIAL

**JEFFREY D. SACHS**  
Professor de Economia reconhecido mundialmente, autor de “best-sellers”, inovador educador e líder global em desenvolvimento sustentável.



# A necessidade de uma nova política externa nos EUA

**A** política externa norte-americana baseia-se numa contradição inerente e numa lacuna fatal. O objetivo da política externa do país é ter um mundo dominado pelos Estados Unidos, no qual os EUA determinam as regras comerciais e financeiras globais, controlam as tecnologias avançadas, mantêm a supremacia a nível militar e dominam todos os potenciais concorrentes. Se a política externa dos Estados Unidos não for mudada, no sentido de reconhecer a necessidade de um mundo multipolar, isso conduzirá a mais guerras e, muito possivelmente, à III Guerra Mundial.

A contradição inerente na política externa norte-americana está no facto de entrar em conflito com a Carta das Nações Unidas, que compromete os EUA (e todos os outros estados membros da ONU) na via de um sistema global assente nas instituições da ONU – e em que nenhum país domina. A lacuna fatal prende-se com o facto de os Estados Unidos contarem com apenas 4% da população mundial, faltando-lhe capacidades económicas, financeiras, militares e tecnológicas – já para não falar dos aspetos éticos e legais – para dominar os restantes 96%.

No final da II Guerra Mundial, os Estados Unidos eram – de longe – muito superiores ao resto do mundo em matéria de poder económico, tecnológico e militar. Mas hoje já não é isso que acontece, dado que muitos países foram construindo as suas economias e capacidades tecnológicas.

O presidente francês, Emmanuel Macron, disse recentemente uma grande verdade quando declarou que a União Europeia, apesar de ser uma aliada dos Estados Unidos, não quer ser uma vassala dos norte-americanos. Macron foi bastante atacado nos EUA e na Europa por esta sua afirmação, porque muitos políticos medíocres na Europa dependem do apoio político dos Estados Unidos para se manterem no poder.

Em 2015, Robert Blackwill, um importante estratega em matéria de política externa norte-americana e que foi embaixador dos EUA na Índia, descreveu a estratégia geral dos Estados Unidos com uma clareza excepcional. “Desde a sua fundação, os EUA têm prosseguido sistematicamente uma ambiciosa estratégia, focada em conquistar e manter um poder proeminente sobre os seus rivais: primeiro no continente norte-americano, depois no hemisfério ocidental e por fim a nível mundial”, escreveu Blackwill, subli-

nhando que “preservar a primazia norte-americana no sistema global deve continuar a ser o objetivo central da grande estratégia dos EUA no século XXI”.

Para sustentar a primazia dos EUA face à China, Blackwill delineou um plano de jogo que o Presidente Joe Biden está a seguir. Entre outras medidas, Blackwill instou a que os Estados Unidos criassem “novos acordos comerciais preferenciais junto dos amigos e aliados dos EUA, de modo a reforçarem os seus benefícios mútuos através de instrumentos que excluam deliberadamente a China”, apelando ainda a que o país criasse “um regime de controlo das tecnologias” para travar as capacidades estratégicas da China, a que proporcionasse uma consolidação das “capacidades de poder político dos amigos e aliados dos EUA na periferia da China” e a que fortalecesse as forças militares norte-americanas ao longo das orlas exteriores da Ásia, mesmo que houvesse oposição por parte da China.

A maioria dos políticos nos EUA – e também no Reino Unido, União Europeia, Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia – apoiam a abordagem agressiva dos Estados Unidos. Eu não apoio. Vejo a abordagem dos EUA à China como sendo contrária à paz e ao que está estabelecido na Carta das Nações Unidas.

A China tem o direito à prosperidade e à segurança nacional, livre das provocações dos Estados Unidos em redor das suas fronteiras. As extraordinárias conquistas económicas da China desde finais da década de 1970 são maravilhosas – tanto para a China como para o resto do mundo.

Durante os longos 100 anos que decorreram entre 1839 e 1949, a China mergulhou numa pobreza extrema, num período marcado pelas invasões ao país por parte dos europeus e dos japoneses e por guerras civis chinesas. Em 1839 as forças britânicas invadiram a China para a obrigar a comprar o aditivo ópio que a Grã-Bretanha contrabandeava [das suas colónias na Índia]. Outras potências também invadiram a China ao longo desses 100 anos. Mas, por fim, a China conseguiu recuperar desse período desastroso e, pelo meio, acabou com a pobreza de cerca de mil milhões de pessoas.

A nova prosperidade da China pode ser simultaneamente pacífica e produtiva para o mundo inteiro. As bem sucedidas tecnologias chinesas – desde curas vitais para a malária até à energia solar de baixo custo, passando pelas eficientes redes 5G – podem ser uma dádiva para o mundo. A China só será uma ameaça na medida em que os Estados Unidos façam dela um inimigo. A hostilidade dos EUA para com a China, que alia o arrogante objetivo norte-americano de dominância com o racismo anti-chinês de longa data (que remonta ao século XIX), está a criar esse inimigo.

Os perigos da política externa dos EUA estendem-se para lá da China. O objetivo norte-americano de alargar a NATO à Ucrânia e à Geórgia, cercando assim a Rússia no Mar Negro, ajudou a alimentar a guerra na Ucrânia. Inúmeras nações veem os perigos desta abordagem. Grandes nações como o Brasil, Índia e mais além, visam um mundo multipolar. Todos os países membros da ONU devem voltar a comprometer-se com a Carta das Nações Unidas e manifestar oposição ao domínio de qualquer nação. ■

A China só será uma ameaça na medida em que os Estados Unidos façam dela um inimigo.

Todos os países membros da ONU devem voltar a comprometer-se com a Carta das Nações Unidas e manifestar oposição ao domínio de qualquer nação.